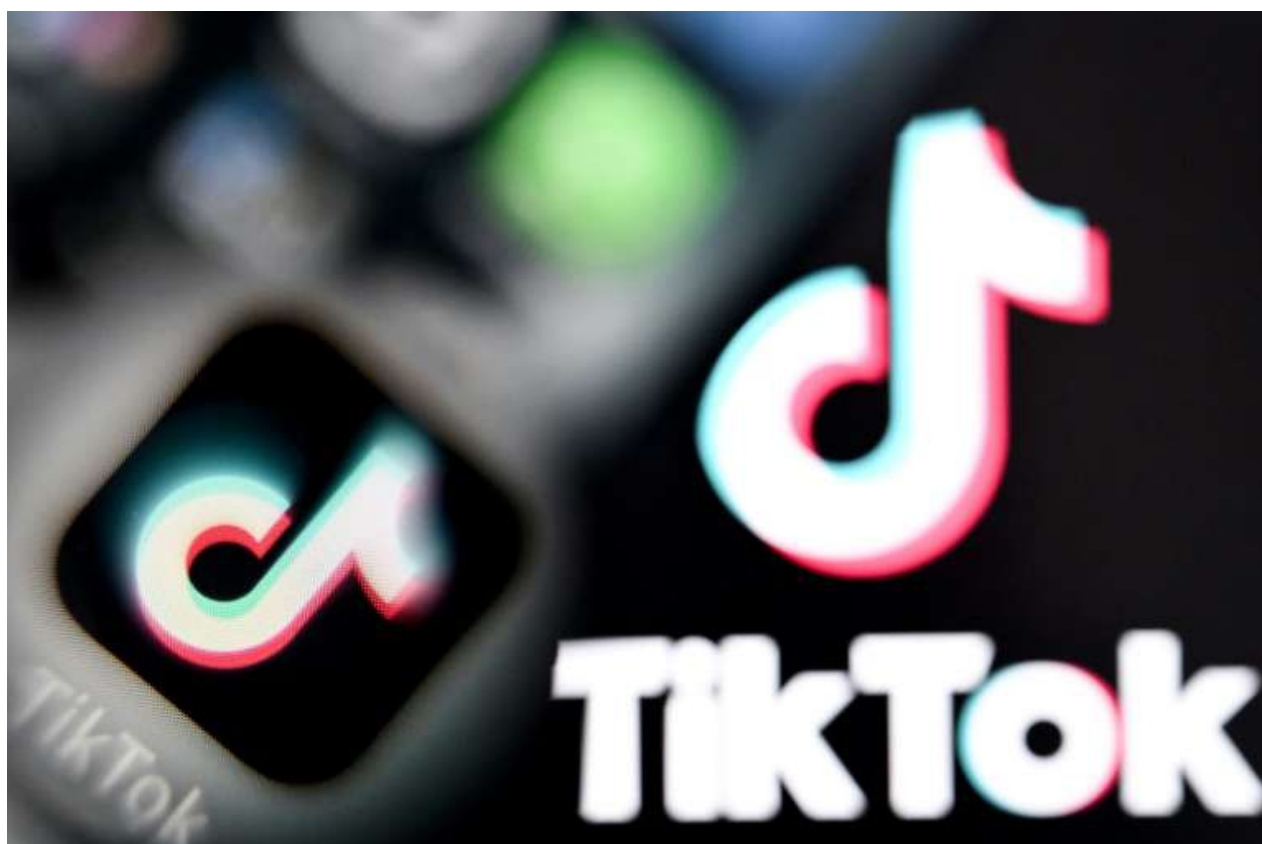


O SEU NOVO JORNAL SEM
PROPAGANDA E SEM TENDÊNCIA
POLÍTICA!

www.jornalz.com.br



'Temos um comprador para o TikTok', anuncia Trump



O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, neste domingo (29), que encontrou um comprador para a plataforma TikTok, que está sob ameaça de proibição nos EUA devido a seus laços com a China.

DÓLAR ACUMULA QUEDA DE 12% NO 1º SEMESTRE

Economia

Empresas de IA disputam talentos em meio a ceticismo

Mark Zuckerberg e a Meta gastam bilhões de dólares para reforçar sua equipe de inteligência artificial (IA) e buscar uma posição dominante, uma estratégia que gera ceticismo. Segundo ele, a empresa trabalha "sem descanso" para entrar em contato com aqueles que receberam ofertas e buscar uma forma de mantê-los na OpenAI. Segundo a imprensa, foi do próprio Zuckerberg a iniciativa, por estar preocupado com o fato de a Meta estar ficando para trás na IA generativa, apesar de ter investido dezenas de bilhões de dólares.

30/06/2025, 22:29



Mark Zuckerberg e a Meta gastam bilhões de dólares para reforçar sua equipe de inteligência artificial (IA) e buscar uma posição dominante, uma estratégia que gera ceticismo.

Em meados de junho, o império americano das redes sociais não hesitou em gastar mais de 14 bilhões de dólares (76,3 bilhões de reais) para adquirir uma participação de 49% na Scale AI, especializada no armazenamento de dados usados para desenvolver modelos de IA.

Segundo a imprensa americana, o grupo, com sede na Califórnia, havia contactado previamente o cofundador da OpenAI, Ilya Sutskever, assim como com o Perplexity AI, autoproclamado rival do Google, e a joia da coroa da IA em vídeo, Runway.

Segundo o chefe da OpenAI, Sam Altman, a Meta ofereceu um bônus de contratação de mais de 100

milhões de dólares a vários funcionários da OpenAI, e aproximadamente o mesmo valor em salário anual. Em memorando interno confirmado pela Meta hoje, o diretor-geral da empresa, Mark Zuckerberg, disse que sete deles haviam decidido sair, assim como o diretor da Scale AI, Alexandr Wang, e funcionários da Anthropic e Google.

Em carta interna divulgada pela revista Wired, o chefe de pesquisa da OpenAI, Mark Chen, disse: "Tenho uma sensação visceral de como se alguém tivesse entrado em nossa casa e roubado algo." Segundo ele, a empresa trabalha "sem descanso" para entrar em contato com aqueles que receberam ofertas e buscar uma forma de mantê-los na OpenAI.

Segundo a imprensa, foi do próprio Zuckerberg a iniciativa, por estar preocupado com o fato de a Meta estar ficando para trás na IA generativa, apesar de

ter investido dezenas de bilhões de dólares.

Seu último grande modelo de IA, o Llama 4, lançado em abril, foi uma decepção. Ele ficou atrás de todos os pesos pesados americanos, chineses e franceses nos rankings elaborados pela plataforma de avaliação independente LMArena sobre escrita de código, inclusive atrás de seu predecessor Llama 3 por conta da interface de texto.

A Meta quer integrar seus novos contratados em uma nova equipe dedicada ao desenvolvimento da "superinteligência", isto é, uma IA superior às capacidades humanas de compreensão e pensamento. - 'Gastos descontrolados' -

"Acho que conseguirá atrair verdadeiros talentos e não tinha muitas opções", explicou o blogueiro especialista em IA Zvi Mowshowitz à AFP. "Mas esse aspecto mercenário é muito problemático, sem

mentonar o fato de que ninguém quer trabalhar" para a Meta e para esses produtos se não for por um salário muito alto. "Então não tenho expectativa de que funcione."

Em Wall Street, embora a cotação da Meta se aproxime da máxima histórica e o valor de mercado se aproxime de 2 trilhões de dólares, alguns começam a duvidar.

"Os investidores institucionais estão especialmente preocupados com a liquidez (fluxo de caixa) da empresa "e com a boa gestão de capital", aponta Ted Mortonson, analista da Baird. "E, no momento, não há contraponto" a Zuckerberg.

"Os que têm ações as guardam por causa da publicidade de IA, na qual a Meta está extremamente bem posicionada", disse. "Mas também estão preocupados de que esses gastos saiam de controle".

Empresas de IA disputam talentos em meio a ceticismo

Em entrevista para o podcast Stratechery, Zuckerberg explicou que seu grupo planeja substituir completamente as agências de marketing e publicidade graças à IA, para oferecer uma solução mestra diretamente aos anunciantes

e, assim, criar uma nova fonte de renda. "Isso não muda o potencial de rentabilidade a curto prazo", disse o analista da CFRA, Angelo Zino, que também confia a longo prazo, "porque criará mais oportunidades, mais formas

de monetizar a IA, seja através da publicidade, dos dispositivos conectáveis (óculos e fones de ouvido) ou do Llama". Quanto à IA geral ou "superinteligência", que se iguala ou supera os seres humanos, respectivamente,

"ainda teremos que esperar pelo menos de três a cinco anos", previu Zino. "Mas é preciso recrutar essas pessoas e investir em larga escala para estar preparado quando passarmos para essa fase."

Economia

Conflitos, clima e IA farão com que a inflação seja mais volátil, prevê BCE

O Banco Central Europeu alertou, nesta segunda-feira (30), que os novos desafios, que englobam tensões comerciais e geopolíticas, a inteligência artificial e as mudanças climáticas, podem tornar a inflação mais volátil, justificando assim uma estratégia de política monetária mais flexível. Essas mudanças estruturais apontam para "maiores desvios do objetivo de inflação de 2%" fixado pelo BCE, motivo pelo qual a instituição da zona do euro utilizará ferramentas "de maneira flexível (diante de) novos impactos", segundo um comunicado.

30/06/2025, 14:01



O Banco Central Europeu alertou, nesta segunda-feira (30), que os novos desafios, que englobam tensões comerciais e geopolíticas, a inteligência artificial e as mudanças climáticas, podem tornar a inflação mais volátil, justificando assim uma estratégia de política monetária mais flexível.

Essas mudanças estruturais apontam para "maiores desvios do objetivo de inflação de 2%" fixado pelo BCE, motivo pelo qual a instituição da zona do euro utilizará ferramentas "de maneira flexível (diante de) novos impactos", segundo um comunicado.

A estratégia monetária inicial do BCE, adotada em

1998 e revisada em 2003, foi revisada pela última vez em 2021 com a introdução de um objetivo de inflação de médio prazo de 2%.

O novo ambiente global "gera muitos motivos de preocupação", mas "uma coisa com a qual não precisamos nos preocupar é com o nosso compromisso com a estabilidade de preços", disse a presidente do BCE, Christine Lagarde, ao apresentar a auditoria em Sintra, Portugal, antes de um seminário anual que começa na tarde desta segunda-feira.

De acordo com suas conclusões, todos os instrumentos de política monetária de que dispõem os guardiões do euro - taxas

de juros, intervenções nos mercados de títulos, sejam indiscriminadas ou direcionadas a países específicos, empréstimos de longo prazo e condicionados aos bancos, etc. - "permanecerão em sua caixa de ferramentas".

Mas "a escolha, elaboração e aplicação desses instrumentos serão suficientemente flexíveis para responder de forma ampla às mudanças no ambiente da inflação".

O BCE está saindo de um período turbulento, no qual a recuperação econômica após a pandemia de covid-19 e a guerra russa na Ucrânia provocaram um aumento da inflação, especialmente devido aos

preços da energia e às interrupções nas cadeias de suprimentos.

A rigorosa política monetária aplicada em resposta permitiu trazer a inflação de volta à linha com o objetivo do BCE através de um forte aumento nas taxas de juros.

A partir de agora, o Conselho de Governadores do BCE, que decide sobre a política monetária, levará em conta "não apenas o cenário mais provável para a inflação e a economia, mas também os riscos e incertezas que os cercam", conclui o comunicado.

A primeira reunião de aplicação da nova estratégia acontecerá nos dias 23 e 24 de julho.

Arte e Cultura

Governo britânico condena declarações de dupla de rap contra Israel em Glastonbury

O primeiro-ministro britânico afirmou, neste domingo (29), que "não há desculpas" para a atitude da dupla de rap Bob Vylan, que incitou a multidão a fazer coro pedindo morte ao exército israelense, durante o festival de Glastonbury. Antes da apresentação de Kneecap, um dos membros da dupla de rap punk Bob Vylan instou no sábado a multidão a cantar o lema "Morte, morte ao IDF", em referência à sigla em inglês para designar as Forças Armadas de Israel.

29/06/2025, 21:05



O primeiro-ministro britânico afirmou, neste domingo (29), que "não há desculpas" para a atitude da dupla de rap Bob Vylan, que incitou a multidão a fazer coro pedindo morte ao exército israelense, durante o festival de Glastonbury.

"Não há desculpas para esse tipo de discurso de ódio tão terrível", disse o primeiro-ministro trabalhista Keir Starmer ao jornal The Telegraph.

"Já disse que Kneecap não deveria ter uma plataforma, e isso se aplica a qualquer outro artista que faça ameaças ou incite à

violência", afirmou Starmer em relação a outro grupo de rap que o governo pediu para ser retirado do festival depois que um de seus membros foi acusado de apoiar o movimento libanês Hezbollah.

"A BBC precisa explicar como essas cenas foram transmitidas", acrescentou, referindo-se à emissora britânica que transmite o evento.

Antes da apresentação de Kneecap, um dos membros da dupla de rap punk Bob Vylan instou no sábado a multidão a cantar o lema "Morte, morte ao IDF",

em referência à sigla em inglês para designar as Forças Armadas de Israel.

A polícia informou na rede social X que está examinando os vídeos para "determinar se algum crime foi cometido".

Após as críticas, os organizadores do festival declararam que estão "consternados".

"Lembramos urgentemente a todas as pessoas envolvidas na produção do festival que em Glastonbury não há lugar para o antissemitismo, discursos de ódio ou incitação à violência",

disseram os organizadores de um dos festivais mais populares do Reino Unido.

A embaixada de Israel denunciou no X "a retórica do ódio" durante o festival e afirmou que há uma "normalização de um discurso extremista e uma glorificação da violência".

Joe McCabe, um participante do festival de 31 anos, disse à AFP que, embora não concorde com a declaração de Vylan, acredita que "a mensagem de questionar o que está acontecendo" em Gaza é "justa".

Economia

Trump diz que EUA se dá bem com a China

O presidente americano, Donald Trump, minimizou, neste domingo (29), as acusações de atos hostis da China contra os Estados Unidos e garantiu "se dar bem" com o gigante asiático, justamente quando Washington e Pequim acabam de concordar com um marco geral para atenuar suas diferenças comerciais. Ao falar das tarifas de 145% impostas por Washington aos produtos importados da China, suspensas até agosto, o presidente garantiu que "tudo parou na China", quando foram aplicadas temporariamente em abril.

29/06/2025, 19:09



O presidente americano, Donald Trump, minimizou, neste domingo (29), as acusações de atos hostis da China contra os Estados Unidos e garantiu "se dar bem" com o gigante asiático, justamente quando Washington e Pequim acabam de concordar com um marco geral para atenuar suas diferenças comerciais.

"Nós nos damos bem com a China. Acho que se dar bem com a China é uma coisa muito boa", declarou o republicano durante uma entrevista no programa "Sunday Morning Futures" do canal Fox News.

A jornalista Maria Bartimoro enumerou várias "coisas" atribuídas à China contra os Estados Unidos, como o hackeamento do sistema de telecomunicações, o roubo de propriedade intelectual, a epidemia de covid-19 e o envio de fentanil, mas Trump relativizou essas alegações.

"Você não acha que agimos da mesma maneira com eles? Fazemos, fazemos muitas coisas (...) É assim que o mundo funciona. É um mundo malvado", disse o presidente.

Trump também rejeitou as preocupações geradas

pelo indiciamento, no mês passado, de pesquisadores chineses pelas autoridades americanas, sob a acusação de terem introduzido um fungo tóxico nos Estados Unidos.

"Mas não se sabe de onde vem. Quero dizer, vem do país ou são três lunáticos que transportaram algo por acaso?", respondeu Trump.

Ao falar das tarifas de 145% impostas por Washington aos produtos importados da China, suspensas até agosto, o presidente garantiu que "tudo parou na China", quando foram aplicadas temporariamente em abril.

Trump disse na quinta-feira que os Estados Unidos haviam selado um acordo relacionado ao comércio com a China, sem dar mais detalhes. A China disse na sexta-feira que Washington levantaria as "medidas restritivas", enquanto Pequim "revisaria" os itens sob controle de exportação.

Após conversas em Genebra, em maio, Washington e Pequim puseram em pausa sua guerra comercial e concordaram em reduzir temporariamente as tarifas proibitivas que impunham a seus respectivos produtos.

'Temos um comprador para o TikTok', anuncia Trump

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, neste domingo (29), que encontrou um comprador para a plataforma TikTok, que está sob ameaça de proibição nos EUA devido a seus laços com a China. Em virtude de uma lei aprovada pelo Congresso em 2024, o TikTok segue sob ameaça de proibição nos Estados Unidos se sua empresa matriz, a chinesa ByteDance, não ceder seu controle.

29/06/2025, 18:05



O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, neste domingo (29), que encontrou um comprador para a plataforma TikTok, que está sob ameaça de proibição nos EUA devido a seus laços com a China.

"Temos um comprador para o TikTok", disse Trump em uma entrevista ao programa Sunday Morning Futures with Maria Bartiromo, da Fox. "É um grupo de pessoas muito ricas", comentou, quando perguntado sobre a identidade dos compradores, acrescentando que daria mais detalhes em "duas semanas".

Em virtude de uma lei aprovada pelo Congresso em 2024, o TikTok segue

sob ameaça de proibição nos Estados Unidos se sua empresa matriz, a chinesa ByteDance, não ceder seu controle.

A legislação busca impedir que as autoridades chinesas tenham acesso a dados pessoais dos usuários do TikTok nos Estados Unidos ou possam influenciar a opinião pública americana através do algoritmo da plataforma.

Em meados de junho, Trump voltou a prorrogar para 17 de setembro o prazo para a venda do TikTok.

Ao adiar pela terceira vez a data-limite, o presidente americano também manteve a plataforma disponível para seus mais de 170 milhões de

usuários nos Estados Unidos.

Segundo vários veículos de comunicação americanos, foi alcançado no começo de abril um protocolo para esta venda, que previa a separação do braço americano do TikTok com uma reestruturação de capital.

As ações nas mãos de investidores não chineses passavam de 60% a 80% e a ByteDance mantinha os 20% que possui atualmente. Mas o anúncio das tarifas alfandegárias impostas por Trump a seus parceiros comerciais, inclusive Pequim, bloqueou a transação pelo chinês.

No entanto, a China anunciou na sexta-feira que tinha "confirmado" com os

Estados Unidos o marco de seu acordo comercial, assegurando que Washington suspenderia as restrições contra o gigante asiático e que Pequim poderia validar a exportação de mais artigos sujeitos a controle, como metais estratégicos usados na fabricação de itens de tecnologia avançada.

"Provavelmente vou precisar da China. Acho que o presidente [chinês] Xi Jinping provavelmente vai fazê-lo", disse Trump neste domingo, em alusão à possível necessidade de que o acordo para a venda do TikTok seja validado no mais alto nível por Pequim.

Economia

G7 quer isentar multinacionais dos EUA de imposto mínimo global

As nações do G7 disseram, neste sábado (28), que concordaram em isentar as empresas multinacionais dos Estados Unidos do imposto mínimo global, uma vitória para o governo do presidente Donald Trump, que pressionou fortemente por esse compromisso. Esse acordo, profundamente criticado por Trump, estabelece uma alíquota mínima de imposto global de 15%.

28/06/2025, 20:24



As nações do G7 disseram, neste sábado (28), que concordaram em isentar as empresas multinacionais dos Estados Unidos do imposto mínimo global, uma vitória para o governo do presidente Donald Trump, que pressionou fortemente por esse compromisso.

O acordo permitirá que as empresas americanas sejam tributadas apenas em seu país de origem, tanto pelos lucros nacionais quanto pelos estrangeiros, afirmou o G7 em um comunicado emitido pelo Canadá, que detém a presidência rotativa do grupo.

O acordo foi alcançado em parte devido às "mudanças recentemente

propostas ao sistema fiscal internacional dos Estados Unidos" incluídas na principal legislação de política interna de Trump, que ainda está sendo debatida no Congresso, segundo o comunicado.

Este sistema paralelo poderia "proporcionar maior estabilidade e certeza no sistema fiscal internacional no futuro", acrescentou o texto.

Quase 140 países chegaram a um acordo em 2021 para tributar as empresas multinacionais, um acordo negociado sob os auspícios da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Esse acordo, profundamente criticado por Trump, estabelece uma alíquota mínima de imposto global de 15%. A OCDE decidirá, por fim, se isentará ou não as empresas americanas desse imposto.

O G7 disse que esperava "alcançar rapidamente uma solução aceitável e aplicável para todos".

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, garantiu na quinta-feira que um acordo desse tipo, "que defende os interesses americanos", seria alcançado entre os países do G7.

O G7 reúne sete das economias mais avançadas do mundo: Alemanha,

Canadá, Estados Unidos, França, Japão, Itália e Reino Unido.

Bessent também pediu aos legisladores americanos que retirassem uma medida do megaprojeto de lei de Trump que permite ao governo impor tributos a empresas com proprietários estrangeiros e a investidores de países considerados injustos em sua taxação às empresas americanas.

Esta cláusula, vista como uma medida de retaliação, gerou muitas preocupações por ser considerada um impedimento para que empresas estrangeiras invistam nos Estados Unidos.

Rappers Kneecap desafiam críticas e defendem causa palestina em Glastonbury

O trio de rap Kneecap, conhecido por suas declarações pró-palestinas e porque um de seus membros é acusado de apoiar o Hezbollah, subiu ao palco do festival de Glastonbury, neste sábado (28), apesar de o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, ter pedido que fossem retirados do evento. Mas os organizadores de Glastonbury desafiaram o primeiro-ministro britânico, que afirmou que não era "apropriado" que o Kneecap se apresentasse no Glastonbury, um dos principais festivais de música do Reino Unido. vid-pdh/an/jvb/ic/mvv

28/06/2025, 19:53



O trio de rap Kneecap, conhecido por suas declarações pró-palestinas e porque um de seus membros é acusado de apoiar o Hezbollah, subiu ao palco do festival de Glastonbury, neste sábado (28), apesar de o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, ter pedido que fossem retirados do evento.

O grupo da Irlanda do Norte virou notícia nos últimos meses por seu apoio à causa palestina e pelo processo contra Liam O'Hanna, acusado de "terrorismo" por supostamente ter exibido uma bandeira do movimento libanês pró-iraniano Hezbollah durante um show.

"Glastonbury, sou um homem livre!", disse O'Hanna, que compareceu ao tribunal no início do mês.

Durante um show em Londres no ano passado, ele também teria gritado "Viva o Hamas, viva o Hezbollah!", em referência ao grupo islamista palestino.

Tanto o Hezbollah quanto o Hamas estão proscritos no Reino Unido e é um crime expressar apoio a esses grupos armados.

O'Hanna, conhecido por seu nome artístico Mo Chara, nega as acusações.

"Essa situação pode ser muito estressante, mas é algo mínimo comparado ao que sofre o povo palestino", declarou O'Hanna, que usava um lenço palestino e

óculos escuros diante de milhares de fãs em Glastonbury, muitos deles com bandeiras palestinas.

O'Hanna também dedicou algumas palavras de reconhecimento ao Palestine Action Group, organização que será proibida segundo a lei antiterrorista, de acordo com um anúncio da ministra do Interior britânica, Yvette Cooper, na semana passada.

Outro membro do trio, DJ Provai, usou uma camiseta dedicada a esse grupo de ativistas, que o governo quer proibir após vários de seus membros invadirem uma base da Força Aérea Britânica e destruírem dois aviões.

Antes da apresentação do Kneecap, a dupla de rap punk Bob Vylan instou a multidão a entoar o lema "Morte, morte ao IDF", referindo-se à sigla em inglês que designa as Forças Armadas de Israel.

Desde as acusações contra O'Hanna, várias apresentações do grupo na Escócia e na Alemanha foram canceladas.

Mas os organizadores de Glastonbury desafiaram o primeiro-ministro britânico, que afirmou que não era "apropriado" que o Kneecap se apresentasse no Glastonbury, um dos principais festivais de música do Reino Unido.

Arte e Cultura

Seul tem grande desfile por ocasião da última temporada de 'Round 6'

Milhares de fãs da série "Round 6" comemoraram, neste sábado (28), no centro de Seul, a estreia na plataforma de streaming Netflix da terceira e última temporada da série sul-coreana. Nesta sexta-feira (27) foi lançada sua terceira e última temporada e os fãs comemoraram a estreia reunindo-se, neste sábado, perto do famoso palácio Gyeongbokgung, em Seul, vestindo uniformes militares similares aos usados pelos agentes misteriosos da série.

28/06/2025, 19:34



Milhares de fãs da série "Round 6" comemoraram, neste sábado (28), no centro de Seul, a estreia na plataforma de streaming Netflix da terceira e última temporada da série sul-coreana.

A produção, uma distopia sobre uma sociedade violenta e corroída pela desigualdade, que estreou em 2021, é a série mais assistida da plataforma.

Nesta sexta-feira (27) foi lançada sua terceira e última temporada e os fãs comemoraram a estreia reunindo-se, neste sábado, perto do famoso palácio Gyeongbokgung, em Seul, vestindo uniformes militares

similares aos usados pelos agentes misteriosos da série.

Estes "agentes" encapuzados foram seguidos por vários participantes equipados com grandes quadrados de "ddakji", um jogo de cartas tradicional coreano, muito presente na trama, e uma bandeira, marca registrada do programa, com os enigmáticos símbolos do círculo, do triângulo e do quadrado.

O diretor da série, Hwang Dong-hyuk, declarou em uma coletiva de imprensa recente que "deu tudo" pela série.

"Sendo assim, embora lamente vê-la terminar,

também há certo sentimento de alívio", comentou.

A Biblioteca Metropolitana de Seul, perto da Prefeitura, foi iluminada com cenas e personagens da série, inclusive Young-hee, a gigantesca boneca detetora de movimentos que aparece em um dos jogos infantis reproduzidos em "Round 6".

"Este projeto se tornou uma espécie de fenômeno cultural, que traçou uma das linhas mais audaciosas na história da criação coreana", disse aos fãs, neste sábado, o superastro Lee Byung-hun, que interpreta o "líder" encapuzado que supervisiona a competição.

O ato foi organizado, em parte, pela Prefeitura de Seul, que pretende tirar partido da popularidade mundial deste exemplo de "soft power" cultural sul-coreano para impulsionar o turismo.

"Literalmente, não quero ir embora jamais", disse a influenciadora Snitchery, originária de Los Angeles.

Park Sang-gyu, outro fã da série, ficou acordado durante toda a noite de sexta-feira para assistir à última temporada. Para ele, esta série é, "antes de tudo, uma história sobre as pessoas" e "não só sobre os jogos", pois "reflete muitos aspectos da vida real", comentou.

Economia

Hermès propõe uma coleção de verão para o homem urbano

Em meio ao calor que sufoca a Europa, a marca francesa Hermès propôs, neste sábado (28), na Semana da Moda de Paris, uma coleção para o homem que passa o verão na cidade, marcada pelo estilo leve, mas cheio de estratégias para enfrentar as altas temperaturas. No próximo verão, o homem Hermès também usará shorts, mas não só.

28/06/2025, 18:46



Em meio ao calor que sufoca a Europa, a marca francesa Hermès propôs, neste sábado (28), na Semana da Moda de Paris, uma coleção para o homem que passa o verão na cidade, marcada pelo estilo leve, mas cheio de estratégias para enfrentar as altas temperaturas.

Calça e jaqueta confeccionados com tiras de couro trançado finíssimas, que lembram uma cadeira de jardim, foram os destaques deste desfile refrescante da temporada primavera-verão 2026,

realizado no Palácio de Iéna, em Paris.

"Tinha vontade de brincar com isso, com a abertura das peças, com essa ideia da transparência, de coisas com aberturas, de deixar o vento passar por elas", explicou à imprensa a estilista, Véronique Nichnian.

No próximo verão, o homem Hermès também usará shorts, mas não só.

"Eu comecei com alguns shorts, mas finalmente dei preferência às calças brancas", acrescentou a estilista, no comando da criação masculina da casa

há mais de 30 anos. "Havia muitos da última vez", avaliou.

As cores da coleção, fiéis ao DNA da marca, se declinaram em tons de caramelo, café, baunilha, menta e bordô.

As jaquetas "não são nem totalmente no estilo aviador, nem totalmente corta-ventos", detalhou a produção da casa em nota de apresentação do desfile.

No entanto, a coleção também incluiu jaquetas de aviador e camisas sobrepostas em couro de bezerro.

As calças apresentadas eram largas e curtas, e as sandálias, reduzidas a uma corda grossa que contorna a sola.

As echarpes foram usadas amarradas com um nó amplo sobre o peito ou em volta do pescoço de forma descontraída.

Bolsas enormes, prontas para a viagem também fizeram parte da coleção. "Porque sou pequena e adoro as bolsas grandes", explicou a estilista, com um sorriso.

'Isto é sobre dinheiro', defesa de Diddy desacredita supostas vítimas

A defesa do rapper Sean "Diddy" Combs tentou derrubar nesta sexta-feira (27) as acusações que o colocaram no banco dos réus por associação criminosa e tráfico sexual, assegurando que, por trás delas, há simplesmente uma questão de "dinheiro". Acusado de associação criminosa, tráfico sexual forçado e transporte para prostituição, se for considerado culpado, Combs pode passar o resto de seus dias na prisão.

28/06/2025, 02:47



A defesa do rapper Sean "Diddy" Combs tentou derrubar nesta sexta-feira (27) as acusações que o colocaram no banco dos réus por associação criminosa e tráfico sexual, assegurando que, por trás delas, há simplesmente uma questão de "dinheiro".

"Não se trata de justiça, não se trata de um crime, isto é sobre dinheiro", declarou o advogado Marc Agnifilo em seus argumentos finais sobre este "empresário negro bem-sucedido, que se fez sozinho".

Embora tenha reconhecido que as relações de Diddy Combs, de 55 anos, com suas acusadoras eram "complicadas", negou que estivessem marcadas pelo "clima de medo" descrito pela promotoria.

A promotoria apresentou ao júri que decidirá o destino do réu uma versão menos idílica após revisar os depoimentos de 34 testemunhas e as mensagens, gravações telefônicas e vídeos de sexo explícito exibidos durante

mais de sete semanas de julgamento.

A promotora Maurene Comey disse nesta sexta-feira na réplica que, quando Diddy, que por décadas foi uma das pessoas mais poderosas da música, cometeu seus crimes mais evidentes, "ele tinha ultrapassado tanto o limite que nem sequer podia vê-lo".

"Em sua mente, ele era intocável", afirmou aos jurados ao rebater a defesa. "O réu nunca pensou que as mulheres que ele abusou teriam a coragem de dizer em voz alta o que ele tinha feito", continua.

"Isso termina neste tribunal (...) O réu não é um deus", concluiu.

Acusado de associação criminosa, tráfico sexual forçado e transporte para prostituição, se for considerado culpado, Combs pode passar o resto de seus dias na prisão.

De acordo com a promotoria, esses abusos foram cometidos com a ajuda de "fiéis tenentes" e

"soldados rasos" que "existiam para atender às suas necessidades".

No centro de sua argumentação está a afirmação de que os funcionários de maior escalão — incluindo seu chefe de equipe e os seguranças, nenhum dos quais testemunhou — estavam cientes de suas ações e as facilitaram ativamente.

- Consentimento ou coerção? -

Na segunda-feira, o juiz Arun Subramanian dará instruções ao júri para que possam aplicar a lei com base nas provas apresentadas no julgamento.

Quando começarem a deliberar, os 12 membros do júri terão que determinar se houve consentimento nas relações ou se elas foram produto de coerção.

A defesa reconhece que alguns atos de Diddy podem ter envolvido violência doméstica, mas isso não significa que seja tráfico sexual, disse.

As mulheres que agora o acusam, lembrou Agnifilo, e que participaram das orgias sexuais com trabalhadores do sexo pagos que o magnata organizava, eram adultas e tomavam suas próprias decisões.

Duas das supostas vítimas de tráfico sexual — a cantora Casandra "Cassie" Ventura e outra ex-parceira que depôs sob pseudônimo — mantiveram relações com o fundador da gravadora Bad Boy Records por muito tempo.

Embora pouco ortodoxo, o sexo era consensual, enfatizou Agnifilo.

Cassie, que esteve com Diddy por mais de uma década, "sempre foi livre para sair. Ela escolheu ficar porque estava apaixonada por ele e ele estava apaixonado por ela", disse o advogado, que recordou que a cantora recebeu 20 milhões de dólares (cerca de R\$ 98 milhões) do rapper quando o denunciou no final de 2023 por estupro e agressão sexual.

'Isto é sobre dinheiro', defesa de Diddy desacredita supostas vítimas

O advogado questionou se ela teria sido coagida a manter relações sexuais com outros homens pagos por Combs enquanto ele observava.

"Era um estilo de vida. Se você quiser chamar de troca de casais. Se você quiser chamar de 'ménage'... é apenas isso", concluiu.

Combs não prestou depoimento. Ele não é obrigado a fazê-lo. A defesa também não apresentou nenhuma testemunha, algo que é comum em julgamentos criminais, já que cabe à promotoria demonstrar a culpa do acusado.

Mas os problemas legais do ex-magnata da música

podem não terminar aí, depois que esta semana foram apresentadas três novas acusações de agressão sexual contra ele.

Uma delas foi apresentada por uma mulher que alegou que o filho do rapper, Justin, a atraiu do estado da Louisiana até Los Angeles, onde foi retida, drogada e violentada por

três homens mascarados em 2017. Um deles seria supostamente Combs.

Os outros dois casos foram apresentados por homens que acusam o rapper e sua equipe de drogá-los e agredi-los sexualmente em festas em 2021 e 2023.

Economia

Trump dá 'por encerradas' negociações comerciais com Canadá por imposto sobre tecnológicas

O presidente Donald Trump anunciou nesta sexta-feira que deu "por encerradas" as negociações comerciais com o Canadá, em represália por um imposto que afeta as empresas tecnológicas americanas, e advertiu que seu vizinho saberá em uma semana as tarifas que deverá pagar. "Por causa deste imposto escandaloso, damos por encerradas todas as negociações comerciais com o Canadá, com efeito imediato", escreveu Trump nesta sexta-feira em sua plataforma Truth Social.

28/06/2025, 00:45



O presidente Donald Trump anunciou nesta sexta-feira que deu "por encerradas" as negociações comerciais com o Canadá, em represália por um imposto que afeta as empresas tecnológicas americanas, e advertiu que seu vizinho saberá em uma semana as tarifas que deverá pagar.

O magnata republicano fez alusão a uma taxa de 3% sobre os serviços digitais que Ottawa impôs no ano passado e cuja arrecadação prevista gira em torno de 4,2 bilhões de dólares americanos (R\$ 23 bilhões, na cotação atual) em cinco anos.

Embora não seja uma medida nova, os provedores de serviços americanos vão se ver "obrigados a pagar bilhões de dólares no Canadá" a partir de 30 de junho, quando começa a arrecadação, indicou recentemente a Associação da Indústria da Computação e das Comunicações.

Washington já havia solicitado um acordo de solução de controvérsias sobre a disputa por esta tarifa, que se aplica a grandes empresas tecnológicas como Alphabet, Amazon e Meta, provedoras de serviços digitais aos canadenses.

"Por causa deste imposto escandaloso, damos por encerradas todas as negociações comerciais com o Canadá, com efeito imediato", escreveu Trump nesta sexta-feira em sua plataforma Truth Social.

"Vamos informar o Canadá sobre as tarifas que vão pagar para fazer negócios com os Estados Unidos nos próximos sete dias", acrescentou, ao classificar seu vizinho do norte como um país "muito difícil".

Em 2024, o Canadá impôs a tarifa ao acusar as gigantes tecnológicas de se aproveitarem da natureza intangível de seus negócios

para evitar o pagamento de impostos.

A taxa está voltada para companhias com receitas globais anuais superiores a 1,1 bilhão de dólares canadenses (R\$ 4,4 bilhões, na cotação atual) e com receitas anuais no Canadá de mais de 20 milhões de dólares canadenses (R\$ 80 milhões).

- 'Negociações complexas' -

O Canadá enfrenta um regime tarifário americano particular, assim como o México.

Está sendo afetado por algumas das novas tarifas estabelecidas por Trump, mas certas exportações ainda estão um pouco protegidas pelo tratado de livre-comércio da América do Norte (T-MEC), do qual faz parte ao lado de Estados Unidos e México.

Na semana passada, o primeiro-ministro canadense Mark Carney disse que Ottawa ajustaria suas tarifas de 25% sobre o aço e o

alumínio americanos em resposta ao aumento das sobretaxas dos Estados Unidos sobre esses metais para 50%, caso não haja um acordo comercial bilateral em 30 dias.

"Vamos seguir realizando essas negociações complexas no melhor interesse dos canadenses", disse Carney nesta sexta, ao acrescentar que não havia conversado com Trump hoje.

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, declarou à emissora CNBC que Washington espera que o governo Carney suspenda o imposto aos serviços digitais "como demonstração de boa vontade".

- Próximos acordos? -

Dezenas de economias, entre as quais não está a China, estão diante da data limite de 9 de julho para a entrada em vigor de tarifas americanas mais elevadas, que vão além dos 10% atuais.

Trump dá 'por encerradas' negociações comerciais com Canadá por imposto sobre tecnológicas

Ainda resta saber se os países vão conseguir alcançar acordos com Washington para evitar as taxas antes do término do prazo.

Sobre as negociações com a União Europeia, por exemplo, Trump declarou hoje em um ato na Casa Branca que os Estados

Unidos têm "as cartas na mão". "Temos muito mais cartas que eles", frisou.

Bessent afirmou que os Estados Unidos poderiam encerrar sua agenda de acordos comerciais em setembro, o que indica que mais pactos podem ser alcançados, embora seja provável que as negociações

se estendam para um pouco além de julho.

O titular do Tesouro americano declarou à emissora Fox Business que há 18 parceiros-chave com os quais Washington está focado em conseguir acordos.

Nesta sexta, os principais índices de Wall

Street fecharam com novos recordes, já que os mercados deram boas-vindas aos avanços nas negociações comerciais entre Estados Unidos e China, ao mesmo tempo que ignoraram as preocupações sobre o Canadá.

Arte e Cultura

Califórnia amplia incentivos fiscais, para revitalizar Hollywood

O Legislativo da Califórnia aprovou nesta sexta-feira a ampliação do seu programa de incentivos fiscais para o cinema e a TV, em uma tentativa de trazer as produções de volta para Hollywood. Muitas das grandes produções do cinema e da TV são filmadas fora da Califórnia.

27/06/2025, 23:46



O Legislativo da Califórnia aprovou nesta sexta-feira a ampliação do seu programa de incentivos fiscais para o cinema e a TV, em uma tentativa de trazer as produções de volta para Hollywood.

O projeto aprovado eleva de 330 milhões para 750 milhões de dólares os recursos do setor, em uma tentativa de deter a fuga de produções do cinema e da TV, que trocaram o estado por destinos mais atraentes financeiramente.

O governador Gavin Newsom, favorável à ampliação, deve promulgar o

projeto e convertê-lo em lei. A Coalizão de Sindicatos do Entretenimento, que fez campanha para trazer de volta e proteger os empregos da indústria na Califórnia, elogiou o anúncio, em comunicado enviado à AFP.

"A ampliação do financiamento do nosso programa é uma lembrança importante da força e resistência dos nossos membros, do poder da nossa ampla coalizão sindical e do papel que nossa indústria desempenha no apoio à economia do nosso estado", disse

Rebecca Rhine, presidente da Coalizão e diretora-executiva do sindicato de diretores.

A Coalizão pediu aos estúdios que voltem a "se comprometer com as comunidades e os trabalhadores de todo o estado que construíram essa indústria e suas empresas".

Hollywood enfrenta uma década difícil. A pandemia de Covid-19 paralisou totalmente a indústria, o que representou um duro golpe no setor. A popularização das plataformas de conteúdo impulsionou os estúdios, mas, com o fim da guerra do

streaming e as greves de roteiristas e atores em 2023, Hollywood voltou a padecer.

Muitas das grandes produções do cinema e da TV são filmadas fora da Califórnia. Entre os destinos populares com custos menores de produção e mais incentivos fiscais estão o estado da Geórgia e o vizinho Novo México.

Menos de um a cada cinco filmes ou séries de TV exibidos nos Estados Unidos foi produzido na Califórnia, segundo a organização FilmLA, que estuda a indústria.

Economia

Trump dá por encerradas as negociações comerciais com o Canadá

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, nesta sexta-feira (27), o encerramento das negociações comerciais com o Canadá, ao considerar uma "ofensa direta e flagrante" contra os Estados Unidos a decisão canadense de impor uma tarifa sobre os serviços digitais. "Devido a este imposto escandaloso, encerramos todas as negociações comerciais com o Canadá, com efeito imediato", escreveu Trump em sua plataforma, Truth Social.

27/06/2025, 19:54



O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou, nesta sexta-feira (27), o encerramento das negociações comerciais com o Canadá, ao considerar uma "ofensa direta e flagrante" contra os Estados Unidos a decisão canadense de impor uma tarifa sobre os serviços digitais.

"Devido a este imposto escandaloso, encerramos todas as negociações comerciais com o Canadá, com efeito imediato", escreveu Trump em sua plataforma, Truth Social.

"Informaremos o Canadá sobre as tarifas que deverão pagar para fazer negócios com os Estados Unidos nos próximos sete dias", acrescentou, classificando o seu vizinho do norte como "muito difícil".

Washington já havia criticado o imposto canadense sobre os serviços digitais. No ano passado, o governo americano pediu um acordo para solucionar controvérsias sobre a questão.

Em 2024, o Canadá aplicou um imposto aos serviços digitais dirigido a

gigantes de tecnologia americanas como Google, Apple, Meta (Facebook), Amazon e Microsoft, afirmando que estas grandes companhias se aproveitam da natureza intangível de seus negócios para sonegar impostos.

A previsão é que Ottawa comece a arrecadar este imposto em 30 de junho. Ele é direcionado a 'big techs' com receitas globais anuais superiores a 1,1 bilhão de dólares canadenses (R\$ 4,4 bilhões, na cotação atual) e receitas anuais no Canadá de mais de 20 milhões de

dólares canadenses (R\$ 80 milhões).

O Canadá enfrenta um regime tarifário particular imposto pelos EUA, assim como o México.

O país é afetado por algumas das novas tarifas estabelecidas por Trump, mas certas exportações ainda são protegidas pelo Tratado de Livre Comércio da América do Norte (T-MEC), do qual faz parte juntamente com os Estados Unidos e o México.

Economia

China confirma que alcançou acordo comercial com EUA

A China confirmou nesta sexta-feira (27) os "detalhes" de um acordo comercial alcançado com os Estados Unidos e afirmou que Washington deve suspender uma série de "medidas restritivas", enquanto Pequim deve "revisar e aprovar" produtos submetidos a controles de exportação. Pequim confirmou nesta sexta-feira que um acordo foi alcançado.

27/06/2025, 16:41



A China confirmou nesta sexta-feira (27) os "detalhes" de um acordo comercial alcançado com os Estados Unidos e afirmou que Washington deve suspender uma série de "medidas restritivas", enquanto Pequim deve "revisar e aprovar" produtos submetidos a controles de exportação.

Uma das principais prioridades de Washington nas negociações com Pequim era garantir o fornecimento de terras raras, metais cruciais para a produção de baterias elétricas, turbinas eólicas e sistemas de defesa.

A China, que controla a maior parte da extração mundial de terras raras, começou a exigir licenças de exportação no início de abril. A medida foi interpretada como uma resposta às tarifas impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

As duas maiores potências econômicas do mundo concordaram em maio, após um ciclo de

negociações em Genebra, em reduzir temporariamente as tarifas elevadas aplicadas de maneira recíproca aos seus produtos.

A China também se comprometeu a flexibilizar algumas contramedidas não tarifárias, mas funcionários do governo americano posteriormente acusaram Pequim de violar o pacto e de atrasar a aprovação de licenças de exportação de terras raras.

Os dois países finalmente concordaram com uma estrutura para avançar com o consenso de Genebra, após negociações em Londres neste mês.

Uma fonte da Casa Branca disse na quinta-feira à AFP que o governo Trump e a China "concordaram com um entendimento adicional de uma estrutura para implementar o acordo de Genebra".

A explicação veio depois que Trump afirmou em um evento que Washington tinha acabado "de assinar" um acordo comercial com

Pequim, sem proporcionar mais detalhes.

Pequim confirmou nesta sexta-feira que um acordo foi alcançado.

"Espera-se que Estados Unidos e a China alcancem um acordo", afirmou um porta-voz do Ministério do Comércio em um comunicado. As partes "confirmaram os detalhes da estrutura", acrescentou.

Segundo o acordo, a China "revisará e aprovará os pedidos para os itens de controle de exportação que atendam aos requisitos legais", disse o porta-voz.

"A parte americana cancelará, em consequência, uma série de medidas restritivas contra a China", explicou.

- Adiamento do prazo para tarifas? -

O secretário de Tesouro americano, Scott Bessent, afirmou ao canal Fox Business nesta sexta-feira, que Washington poderia ter até setembro para fechar acordos com seus principais parceiros comerciais.

"Acho que podemos encerrar os diálogos comerciais até o Dia do Trabalho", que neste ano cai em 1º de setembro nos EUA.

Wall Street reagiu com otimismo ao anúncio, com o índice americano S&P marcando um recorde após as quedas de abril, assim como Nasdaq. Na Europa, as principais bolsas também registraram alta, enquanto na Ásia as tendências foram mistas.

Na quinta-feira, a Casa Branca também indicou que Washington poderia adiar o prazo de julho para a entrada em vigor de tarifas mais elevadas sobre as importações de dezenas de países.

Trump impôs uma tarifa de 10% à maioria dos aliados comerciais dos EUA. Mas também anunciou tarifas mais elevadas para dezenas de economias enquanto negociava um acordo, embora tenha suspenso a decisão posteriormente. O prazo termina em 9 de julho.

China confirma que alcançou acordo comercial com EUA

"Talvez possa ser prorrogado, mas esta é uma decisão que corresponde ao presidente", respondeu a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, ao ser

questionada sobre uma possível extensão da moratória nas tarifas mais elevadas anunciada em abril.

"O presidente pode simplesmente oferecer a estes países um acordo se recusarem propor um antes do prazo final", acrescentou Leavitt.

Isto significa que Trump pode "escolher uma tarifa recíproca que considere vantajosa para os Estados Unidos", explicou.

Economia

Jonathan Anderson imprime sua marca na Dior com desfile masculino em Paris

O novo diretor artístico da Dior, Jonathan Anderson, deu seu primeiro toque à coleção masculina da marca francesa, com um desfile colorido e cheio de travessuras, nesta sexta-feira (27), no Hotel de los Inválidos em Paris. - Diretor artístico todo-poderoso - Desde que Christian Dior a fundou em 1947, a poderosa marca não havia mantido um mesmo diretor artístico para as coleções masculina, feminina e alta-costura.

27/06/2025, 16:01



O novo diretor artístico da Dior, Jonathan Anderson, deu seu primeiro toque à coleção masculina da marca francesa, com um desfile colorido e cheio de travessuras, nesta sexta-feira (27), no Hotel de los Inválidos em Paris.

O designer que tirou a centenária marca espanhola Loewe da decadência optou por repetir sua fórmula de sucesso: cuidado no tratamento dos materiais, ousadia no conceito e disposição para provocar fãs e especialistas.

O norte-irlandês de 40 anos já havia dado pistas de sua proposta com vários vídeos nas redes sociais, nos quais se via, entre outros, a estrela do futebol Mbappé ajustando sua gravata sem muita habilidade.

O desfile parecia a entrada ou saída de uma festa de formatura universitária em Oxford: rapazes com gravata borboleta, mas sem camisa, apenas com o fraque. Outros vestiam casaco e camisa sobre jeans desbotados. Nos pés, sapatos tipo pescador com meias brancas.

Destacou uma bermuda oversized tipo cargo, cor-de-rosa vibrante, com muitos bolsos e camadas, recurso não visto há algum tempo, e um corte impecável.

Os cachecóis também ajustavam as calças. Alguns modelos desfilaram sem calças, mas com cuecas tipo boxer, combinando com a camisa ou blusa.

- Diretor artístico todo-poderoso -

Desde que Christian Dior a fundou em 1947, a poderosa marca não havia

mantido um mesmo diretor artístico para as coleções masculina, feminina e alta-costura.

Conhecido por sua paixão pela arte contemporânea e por seu estilo conceitual, Anderson parece pronto para assumir esse desafio.

A expectativa em torno deste primeiro desfile da Dior sob Anderson era alta. Um grande número de estrelas, como Pharrell Williams (Louis Vuitton), Rihanna, Donatella Versace, Robert Pattinson ou Daniel Craig, compareceu ao Hôtel des Invalides.

Criador de sua própria marca JW Anderson, o norte-irlandês aumentou as vendas da Loewe durante seus quase 12 anos à frente da casa, entre 2013 e 2025.

No mesmo dia, Willy Chavarría apresenta sua

coleção pela segunda vez em Paris, com seu street style imponente e completamente oposto ao de Anderson.

Nascido em 1967 na Califórnia, Chavarría é um estilista militante, defensor dos migrantes, da causa homossexual, e se inspira na moda dos anos 40. Calças largas, ombreiras, camisas abertas, correntes e adornos são combinados a agasalhos esportivos e tênis de basquete.

Chavarría causou sensação há seis meses com um desfile que contou com uma intervenção musical do rapper J Balvin, em uma igreja de Paris.

O setor de luxo vive momentos de incerteza e mudanças nas direções artísticas em marcas como Dior, Balenciaga e Chanel.

Arte e Cultura

Lorde dá o pontapé inicial ao festival de Glastonbury com um show surpresa

A cantora neozelandesa Lorde fez um show surpresa no festival de Glastonbury, na Inglaterra, nesta sexta-feira (27), dia do lançamento do seu quarto e esperado álbum, "Virgin". Lorde, que alcançou grande sucesso desde a adolescência com o álbum "Pure Heroine" (2013) e seu tema "Royals", apareceu ao meio-dia no palco, vestida completamente de branco.

27/06/2025, 14:25



A cantora neozelandesa Lorde fez um show surpresa no festival de Glastonbury, na Inglaterra, nesta sexta-feira (27), dia do lançamento do seu quarto e esperado álbum, "Virgin".

Os participantes começaram a chegar na quarta-feira (25) à famosa Fazenda Worthy, propriedade agrícola no sudoeste da Inglaterra, onde acontece o evento, que dura até domingo à noite.

As estrelas principais do festival sobem ao palco nesta sexta-feira, com Alanis Morissette, The 1975 e Supergrass no programa.

Os organizadores mantêm mistério sobre alguns horários.

Lorde, que alcançou grande sucesso desde a adolescência com o álbum "Pure Heroine" (2013) e seu tema "Royals", apareceu ao

meio-dia no palco, vestida completamente de branco.

"Muito obrigada por estar conosco. Isso é uma loucura para mim, vocês não podem imaginar", disse a cantora.

Os organizadores tiveram que fechar o acesso ao campo perto da tenda onde foi apresentado devido à grande multidão.

Os participantes do festival também esperam ver o cantor escocês Lewis Capaldi, nesta sexta-feira à tarde, no famoso palco "Pyramid Stage", em um horário indicado como "TBA" ("a ser anunciado").

"Já se passou muito tempo", escreveu o cantor no Instagram, nesta sexta-feira, com motivo do lançamento de seu novo tema "Survive", marcando seu grande retorno.

Há dois anos, suspendeu sua turnê mundial. O artista de 28 anos sofre da síndrome de Tourette, um transtorno neurológico caracterizado por espasmos motores e vocais, involuntários e repetitivos.

Nesse mesmo ano, ele havia se apresentado no Glastonbury, mas teve que pedir ajuda a seus fãs quando seus espasmos se intensificaram e teve perda da voz.

Então, milhares de espectadores cantaram seu sucesso "Someone You Loved" em um momento muito emotivo, cujas imagens deram a volta ao mundo.

Para esta edição, os espectadores poderão dançar com ídolos pop das novas gerações, como Olivia Rodrigo e Charli XCX.

Também estarão presentes os veteranos Neil Young e Rod Stewart, assim como The Prodigy, Snow Patrol, Burning Spear e Raye.

No sábado (28), o trio de rappers norte-irlandeses Kneecap subirá ao palco.

A presença dos rappers Belfast gerou críticas, inclusive por parte do primeiro-ministro trabalhista, Keir Starmer, que considerou que não era "apropriado" que o grupo se apresentasse no festival.

Um dos membros do Kneecap, Mo Chara, enfrenta processos judiciais acusado de ter exibido durante um show uma bandeira do Hezbollah, movimento islamista classificado como organização terrorista no Reino Unido.

Economia

Inflação nos EUA volta a aumentar em maio a 2,3% em 12 meses (índice PCE)

A inflação nos Estados Unidos voltou a aumentar em maio, segundo índice oficial PCE publicado nesta sexta-feira (27), de referência para o Fed (Federal Reserve, banco central americano), em linha com o esperado por analistas. Isso levou o presidente americano a afirmar que não havia "inflação" e a exigir que o banco central cortasse suas taxas de juros de referência para estimular a economia.

27/06/2025, 14:18



A inflação nos Estados Unidos voltou a aumentar em maio, segundo índice oficial PCE publicado nesta sexta-feira (27), de referência para o Fed (Federal Reserve, banco central americano), em linha com o esperado por analistas.

O índice de preços baseado em gastos de consumo pessoal (PCE) aumentou 2,3% nos 12 meses finalizados em maio, frente aos 2,2% registrados no mês anterior (valor revisado para cima), informou o Departamento de Comércio.

Os dados chegam ao mesmo tempo em que o presidente Donald Trump

afirma que a inflação não é mais um problema.

Mas os analistas esperavam esse aumento, segundo o consenso publicado pelo MarketWatch.

O presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, também afirmou esta semana ante o Congresso que esperava que o PCE aumentasse a 2,3% em maio.

Desde que retornou à Casa Branca em janeiro, Trump impôs tarifas generalizadas às importações da maioria dos parceiros comerciais dos Estados Unidos, assim como sobre a entrada de aço, alumínio e automóveis.

Mas, por enquanto, elas não causaram um aumento generalizado dos preços, em parte porque Trump reduziu ou adiou a entrada em vigor das tarifas mais altas, e também porque as empresas têm se apoiado em seus estoques anteriores para não repassar os custos aos consumidores.

Isso levou o presidente americano a afirmar que não havia "inflação" e a exigir que o banco central cortasse suas taxas de juros de referência para estimular a economia.

No entanto, os economistas esperam que leve vários meses para que as tarifas se reflitam nos preços ao consumidor, e o Fed está agindo com

cautela. Na semana passada, o banco central manteve as taxas por quatro reuniões consecutivas, entre 4,25% e 4,5%.

A instituição financeira mantém as taxas altas se a inflação estiver elevada, para esfriar o consumo e, com isso, reduzir as pressões de alta sobre os preços. Quando a inflação é baixa, o banco central pode reduzir as taxas para impulsionar a atividade econômica.

Segundo os dados de sexta-feira, a inflação subjacente, que exclui os preços voláteis de alimentos e energia, foi de 2,7% em 12 meses, ligeiramente acima das expectativas.

Economia

Comunidade internacional se reúne em Sevilha para revitalizar a ajuda ao desenvolvimento

Líderes e especialistas de todo o mundo se reunirão na próxima semana na cidade espanhola de Sevilha, convidados pela ONU, para uma conferência sobre financiamento ao desenvolvimento, afetado pelos cortes de Donald Trump e conflitos internacionais. - "Enormes desafios" - Esta conferência sobre desenvolvimento, a primeira desde a de Addis Abeba em 2015, ocorre após Trump eliminar 83% do financiamento a programas internacionais da Usaid.

27/06/2025, 11:27



Líderes e especialistas de todo o mundo se reunirão na próxima semana na cidade espanhola de Sevilha, convidados pela ONU, para uma conferência sobre financiamento ao desenvolvimento, afetado pelos cortes de Donald Trump e conflitos internacionais.

O objetivo, segundo o secretário-geral da ONU, António Guterres, é encontrar "soluções" para as necessidades dos países em desenvolvimento, que "sofrem um déficit financeiro anual estimado em US\$ 4 trilhões (R\$ 22 trilhões)", US\$ 1,5 trilhão (R\$ 8,2 trilhões) a mais do que há dez anos.

A capital da Andaluzia receberá quase 70 chefes de Estado e de Governo e 4.000 representantes da sociedade civil e das principais instituições financeiras internacionais de segunda a quinta-feira. Não haverá representação oficial dos Estados Unidos na reunião, chamada "Ffd4".

Washington se retirou do encontro e abandonou as discussões em meados de junho devido a um desacordo sobre o texto final, que, afirmou, cria "novas estruturas redundantes" e viola a "soberania" dos países.

- "Enormes desafios" - Esta conferência sobre desenvolvimento, a primeira desde a de Addis Abeba em 2015, ocorre após Trump eliminar 83% do financiamento a programas internacionais da Usaid.

Os Estados Unidos eram de longe o maior doador a agências e organizações humanitárias, que também sofreram redução da ajuda de outros países, como França, Alemanha e Reino Unido.

Essa situação obrigou o Unicef a demitir 1.000 professores nos campos de refugiados rohingya em Bangladesh, a ONU a reduzir à metade seus programas na República Democrática do Congo e

prejudicou o combate à aids no sul da África.

A situação dos países em desenvolvimento é ainda mais delicada devido à explosão da dívida pública desde a pandemia de covid-19, que obrigou os Estados a destinar mais recursos ao pagamento de seus empréstimos do que à saúde e à educação.

O momento é desafiador para a economia mundial, enfraquecida pelo aumento das tarifas dos EUA e pelos conflitos atuais, principalmente na Ucrânia e no Oriente Médio, que levaram a um aumento nos orçamentos militares.

- Sistema "obsoleto" - Neste contexto turbulento, não podemos deixar que nossas ambições se desvançam", alertou Guterres, que vê a conferência de Sevilha como "uma oportunidade única para reformar o sistema financeiro internacional", atualmente "obsoleto" e "disfuncional".

O projeto de declaração adotado antes do encontro insta os bancos de desenvolvimento a "triplicarem" sua capacidade de empréstimo, os doadores a "garantirem um financiamento previsível" para gastos sociais essenciais e a comunidade internacional a fortalecer a "cooperação" contra a evasão fiscal.

O "Compromisso de Sevilha" — que será complementado durante a conferência com anúncios unilaterais — foi bem recebido pela União Europeia, mas criticado por ONGs, que acusaram os países ricos de diluírem o documento final.

"Apesar do início promissor das negociações, o texto foi esvaziado de sua substância sob pressão dos países do Norte, que priorizaram seus objetivos políticos em detrimento da verdadeira justiça financeira", denunciou a ONG Coordinación SUD.

Economia

China confirma que alcançou acordo comercial com EUA

A China anunciou nesta sexta-feira (27) que confirmou os "detalhes" de um acordo comercial com os Estados Unidos e afirmou que Washington deve suspender uma série de "medidas restritivas", enquanto Pequim deve "revisar e aprovar" produtos submetidos a controles de exportação. A explicação veio depois que Trump afirmou em um evento que Washington tinha acabado "de assinar" um acordo comercial com a China, sem proporcionar mais detalhes.

27/06/2025, 09:03



A China anunciou nesta sexta-feira (27) que confirmou os "detalhes" de um acordo comercial com os Estados Unidos e afirmou que Washington deve suspender uma série de "medidas restritivas", enquanto Pequim deve "revisar e aprovar" produtos submetidos a controles de exportação.

"Espera-se que Estados Unidos e a China alcancem um acordo", afirmou um porta-voz do Ministério do Comércio em um comunicado.

A Casa Branca informou na quinta-feira que as partes concluíram um acordo sobre temas como a agilização dos envios de terras raras aos Estados Unidos.

As terras raras são cruciais para baterias

elétricas, turbinas eólicas e sistemas de defesa (mísseis, radares, satélites).

Após um ciclo de negociações em Genebra em maio, Washington e Pequim concordaram em reduzir temporariamente as tarifas elevadas aplicadas de maneira recíproca aos seus produtos.

A China também se comprometeu a flexibilizar algumas contramedidas não tarifárias, mas funcionários do governo americano posteriormente acusaram Pequim de violar o pacto e de atrasar a aprovação de licenças de exportação de terras raras.

Os dois países finalmente concordaram com uma estrutura para avançar com o consenso de

Genebra, após negociações em Londres neste mês.

Uma fonte da Casa Branca disse na quinta-feira à AFP que o governo do presidente Donald Trump e a China "concordaram com um entendimento adicional de uma estrutura para implementar o acordo de Genebra".

A explicação veio depois que Trump afirmou em um evento que Washington tinha acabado "de assinar" um acordo comercial com a China, sem proporcionar mais detalhes.

Pequim confirmou nesta sexta-feira que um acordo foi alcançado.

"Após as conversas de Londres, as equipes das duas partes prosseguiram com uma comunicação estreita", declarou o porta-

voz do Ministério do Comércio.

A China "revisará e aprovará os pedidos para os itens de controle de exportação que atendam aos requisitos legais", acrescentou.

"A parte americana cancelará, em consequência, uma série de medidas restritivas contra a China", explicou.

O porta-voz da diplomacia da China, Guo Jiakun, informou que o ministro das Relações Exteriores, Wang Yi, viajará ao continente europeu na próxima semana para reuniões com seus homólogos da União Europeia, Alemanha e França.

Economia

'Não há provas' na acusação dos EUA contra instituições financeiras mexicanas, diz Sheinbaum

A presidente do México, Claudia Sheinbaum, sustentou nesta quinta-feira (26) que "não há nenhuma prova" na acusação americana por lavagem de dinheiro do narcotráfico contra três instituições financeiras mexicanas e lembrou que existem antecedentes de acusações sem fundamentos por parte de Washington. "Temos antecedentes na relação México-Estados Unidos", em que acusações foram feitas sem provas suficientes, acrescentou.

27/06/2025, 02:46



A presidente do México, Claudia Sheinbaum, sustentou nesta quinta-feira (26) que "não há nenhuma prova" na acusação americana por lavagem de dinheiro do narcotráfico contra três instituições financeiras mexicanas e lembrou que existem antecedentes de acusações sem fundamentos por parte de Washington.

Na quarta-feira, o governo do presidente americano Donald Trump acusou os bancos mexicanos CIBanco e Intercam e a corretora Vector de "lavagem de dinheiro" para cartéis de drogas e proibiu "algumas transferências de fundos".

A medida se insere no contexto da cruzada que o magnata republicano mantém contra o tráfico de fentanil, na qual acusa o México de não fazer o

suficiente para combatê-lo, o que teria levado à imposição das tarifas.

Em sua coletiva de imprensa matinal, Sheinbaum reiterou o argumento apresentado na quarta-feira pela secretaria de Fazenda, de que a informação publicada pelo Departamento do Tesouro americano não é "contundente" para sustentar suas acusações.

"Não há nenhuma prova, são rumores, mas não há provas de onde está a lavagem de dinheiro. [...] Se há provas, a ação é tomada, não há impunidade, não importa quem seja. Mas se não há provas, então a ação não pode ser tomada, como em qualquer delito", alegou a presidente.

"Temos antecedentes na relação México-Estados Unidos", em que acusações

foram feitas sem provas suficientes, acrescentou.

A dirigente lembrou especificamente do caso de Salvador Cienfuegos, ex-secretário de Defesa, preso em 2020 pelos Estados Unidos acusado de narcotráfico, que teve que ser libertado em meio a fortes exigências do governo mexicano.

"Tanto é assim, que não houve provas, que soltaram o general Cienfuegos", frisou a presidente.

O governo mexicano informou, no entanto, que decretou a "intervenção geral temporária" nas três instituições -- CI Banco, Intercam e Vector -- "visando proteger os interesses" de acionistas e credores destas, dadas as "implicações" que as medidas americanas possam ter nos dois bancos e na corretora, segundo comunicados conjuntos das

autoridades financeiras locais.

Washington acusa essas entidades financeiras mexicanas de terem desempenhado um papel vital para lavar milhões de dólares dos cartéis e facilitar pagamentos para comprar insumos para produção de fentanil.

As medidas impedirão que "façam negócios conosco", declarou na quarta-feira o subsecretário do Tesouro americano, Michael Faulkender, em coletiva de imprensa.

As acusações impedem que as três instituições financeiras facilitem determinados envios de fundos, mas não se tratam de sanções econômicas como as impostas pelo Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros (OFAC) do Tesouro, explicou a agência.

Economia

França aumenta pressão sobre acordo UE-Mercosul em fase crucial

O presidente da França, Emmanuel Macron, insistiu nesta quinta-feira (26) em que o acordo comercial com o Mercosul era inaceitável para Paris "em seu estado atual" e pediu para "enriquecê-lo", justo quando a Comissão Europeia se dispõe a lançar o processo de ratificação. Em 5 de junho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressou a Macron, sua determinação em assiná-lo antes do final do ano, durante sua presidência rotativa pro tempore do Mercosul.

27/06/2025, 02:03



O presidente da França, Emmanuel Macron, insistiu nesta quinta-feira (26) em que o acordo comercial com o Mercosul era inaceitável para Paris "em seu estado atual" e pediu para "enriquecê-lo", justo quando a Comissão Europeia se dispõe a lançar o processo de ratificação.

"A Comissão adotará a proposta de assinatura e conclusão [deste acordo] antes do final deste mês" de junho, afirmou o diretor-geral adjunto de Comércio, Leopoldo Rubinacci, ao Parlamento Europeu esta semana.

Iniciadas em 1999, as negociações foram concluídas em dezembro, em Montevideo, na presença da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e dos representantes do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Apesar da relutância da França e de outros países da UE, a pressão para ratificar o acordo cresce em ambos os lados do Atlântico,

em meio à incerteza comercial mundial devido às tarifas de Donald Trump.

Em 5 de junho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressou a Macron, sua determinação em assiná-lo antes do final do ano, durante sua presidência rotativa pro tempore do Mercosul.

A Dinamarca, que também assume o Conselho da UE por seis meses em julho, incluiu em sua agenda "aprofundar as relações da UE com a América Latina" e "apoiar a ratificação do acordo UE-Mercosul", entre outros pontos.

- Preocupação pelo setor agrícola -

Mas o primeiro passo, do lado europeu, deve ser dado pela Comissão Europeia, apresentando o acordo final aos 27 países do bloco e ao Parlamento Europeu para aprovação antes da assinatura final.

O anúncio desta etapa representa um revés para a França, que exige uma revisão da cláusula de

salvaguarda incluída no tratado, por considerá-la insuficiente para proteger seu setor agrícola.

Ao término de uma cúpula de líderes da UE em Bruxelas, o chefe do governo alemão, Friedrich Merz, assegurou que nenhum dirigente "apresentou objeções fundamentais" para aprovar o acordo "o antes possível" e citou apenas "problemas menores".

Contudo, em uma sala vizinha, Macron reiterou que a França se opõe ao tratado "em seu estado atual". "O que propomos não é modificar o acordo como tal, mas enriquecê-lo com uma discussão adicional", afirmou.

"Somos muitos os Estados que apoiam esta ideia [...] de dizer: 'Faltam mecanismos que permitam proteger certos mercados agrícolas-chave que vão estar totalmente desestabilizados por este acordo comercial'", defendeu.

Semanas atrás, Macron havia reivindicado um aditivo para incluir essas medidas, mas o comissário europeu da Agricultura, Christophe Hansen, descartou a possibilidade na terça-feira.

O acordo, que criaria um bloco comercial com mais de 700 milhões de consumidores, permitirá à UE exportar mais automóveis e máquinas em troca da facilitação da entrada de carne, açúcar, arroz, mel e soja da América do Sul.

Além da Alemanha, a principal economia europeia, Finlândia e Suécia também defendem por implementar o pacto rapidamente para compensar o efeito das tarifas de Trump.

Os pecuaristas franceses temem a concorrência de seus pares do Mercosul nos cortes mais lucrativos, como o filé mignon, e reclamam que seus padrões de produção são menos restritivos do que os da UE.

França aumenta pressão sobre acordo UE-Mercosul em fase crucial

- Separação -
Para evitar o veto francês, a Comissão poderia dividir o tratado em dois, separando a questão comercial do restante, o que simplificaria a ratificação na Europa: exigiria apenas a aprovação do Parlamento Europeu e do Conselho da UE.
A França projeta este último cenário. Seus

ministros das Relações Exteriores, da Europa e da Agricultura intensificaram os contatos com seus homólogos para construir uma "minoria de bloqueio" no Conselho da UE.
Essa opção exigiria que pelo menos quatro dos 27 países da UE se opusessem ao acordo comercial ou se abstivessem, desde que o peso dos a favor não

atingisse 65% da população do bloco europeu.
Segundo a ministra da Agricultura francesa, Annie Genevard, Hungria, Áustria, Irlanda, Países Baixos, Romênia e Itália compartilhariam a "luta" de Paris. Embora esses países pudessem, em tese, bloquear o acordo, a ministra não confirmou se o fariam de fato.

Paris persiste e espera conseguir mudanças no acordo mesmo durante o processo de ratificação, entendendo que Bruxelas não pode ignorar sua posição nem a capacidade de mobilização do setor agrícola.

Diddy utilizou 'poder, violência e medo' para ocultar seus crimes, diz promotoria

O rapper Sean "Diddy" Combs recorreu ao "poder, à violência e ao medo" como líder de uma organização criminosa com décadas de existência, disse nesta quinta-feira (26) a promotoria durante os argumentos finais do julgamento midiático do artista por associação criminosa e tráfico sexual. Se for considerado culpado das acusações que incluem associação criminosa e tráfico sexual, ele poderá passar o resto da vida na prisão.

27/06/2025, 01:23



O rapper Sean "Diddy" Combs recorreu ao "poder, à violência e ao medo" como líder de uma organização criminosa com décadas de existência, disse nesta quinta-feira (26) a promotoria durante os argumentos finais do julgamento midiático do artista por associação criminosa e tráfico sexual.

"Ele contava com o silêncio e a vergonha para esconder seus crimes", denunciou a promotoria Christy Slavik, que busca deixar claro aos 12 jurados que decidirão o destino do magnata da música os motivos pelos quais ele foi acusado e julgado durante quase dois meses.

Sentado atrás da promotora, Combs, de 55 anos, ouvia impassível, embora ocasionalmente escrevesse bilhetes para seus advogados.

Se for considerado culpado das acusações que incluem associação criminosa e tráfico sexual,

ele poderá passar o resto da vida na prisão.

Slavik começou a resumir o que a promotoria apresentou ao longo de horas de depoimentos de 34 testemunhas, milhares de páginas de mensagens de texto, gravações telefônicas e vídeos de sexo explícito exibidos durante mais de sete semanas de julgamento.

"Ele usou o poder, a violência e o medo para conseguir o que queria", acrescentou.

Para isso, disse, contava com "leais tenentes" — nenhum dos quais foi chamado para depor no julgamento — para encobrir seus crimes, entre eles trabalho forçado, prostituição, suborno e manipulação de testemunhas.

"Não aceitava um 'não' como resposta", completou a promotora, antes de lembrar que o fundador da gravadora Bad Boy Records "se tornou mais poderoso e mais

perigoso graças ao apoio de seu círculo íntimo e de seus negócios".

- 'Drogadas', 'com dor' -

Slavik deixou claro ao júri que este caso não se trata de criminalizar práticas sexuais não convencionais. "Não se trata, de forma alguma, de livre escolha", afirmou.

As mulheres envolvidas em suas orgias sexuais selvagens estavam "drogadas, cobertas de óleo, com dor e exaustas", enquanto Combs as obrigava a manter relações sexuais com trabalhadores do sexo por horas e, às vezes, dias, declarou.

Segundo a promotoria, o músico que colocou o hip hop no cenário mundial obrigou duas mulheres — a cantora Casandra "Cassie" Ventura e, mais tarde, outra mulher que depôs sob pseudônimo — a manterem relações sexuais sob efeito de drogas com acompanhantes pagos.

Ambas mantiveram relacionamentos com Diddy, que está detido desde setembro, após Cassie apresentar uma denúncia contra ele em 2023 por agressão sexual e estupro, posteriormente retirada após um acordo financeiro com o rapper.

Depois de Cassie, outras vítimas apresentaram também denúncias, o que o levou ao banco dos réus.

Ao longo de seus argumentos finais, a promotora Slavik também fez referência ao testemunho de um psicólogo forense que explicou ao júri como as vítimas ficam presas a seus abusadores.

Em um momento impactante, pediu ao painel que se colocasse no lugar de Ventura: "Imaginem o terror de nunca saber quando chegará o próximo golpe". "Agora imaginem tentar dizer não a essa pessoa", clamou.

Diddy utilizou 'poder, violência e medo' para ocultar seus crimes, diz promotoria

A acusação mais grave, a de associação criminosa, pode levar Diddy à prisão perpétua, caso ele seja considerado culpado. O rapper também enfrenta acusações de agressão, tráfico sexual e duas de transporte com fins de prostituição.

Combs, que se recusou a depor em sua defesa, nega tudo. Seus advogados apresentarão seus argumentos finais na sexta-feira e é esperado que insistam em que as supostas vítimas eram mulheres adultas que tomavam suas próprias decisões.

Eles afirmam que os relacionamentos do artista foram consensuais e já tentam convencer o júri de que muitas testemunhas o acusaram por interesse financeiro ou vingança.

Muitas das gravações apresentadas no julgamento mostram sofrimento por

parte das supostas vítimas. Mas várias mensagens também revelam afeto e desejo, o que a defesa enfatizou repetidamente.

Assim que os argumentos finais forem concluídos, provavelmente na sexta-feira, o júri vai se retirar para deliberar.

Anna Wintour deixa direção da Vogue americana após 37 anos

Anna Wintour, que dirigiu por 37 anos a edição americana da revista Vogue, deixou nesta quinta-feira (26) o cargo, para se concentrar em outras responsabilidades na Condé Nast, empresa por trás da publicação. Ela não estará mais à frente da edição diária, mas a Condé Nast negou os rumores sobre a sua aposentadoria.

27/06/2025, 01:12



Anna Wintour, que dirigiu por 37 anos a edição americana da revista Vogue, deixou nesta quinta-feira (26) o cargo, para se concentrar em outras responsabilidades na Condé Nast, empresa por trás da publicação.

Anna, 75, tornou-se famosa por transformar as capas da Vogue em uma declaração de moda contemporânea, e por seu controle total sobre o conteúdo glamoroso da revista. Ela não estará mais à frente da edição diária, mas a Condé Nast negou os rumores sobre a sua aposentadoria.

Assim como nos últimos quatro anos, a jornalista britânica continuará

ocupando a direção global de todas as publicações do grupo, confirmou à AFP uma fonte da Condé Nast. "Anna comunicou à equipe da Vogue a criação de um novo posto: diretor de conteúdo editorial da US Vogue."

O novo posto, para substituí-la, vai permitir à papisa da moda "concentrar suas atenções em suas duas outras funções", explicou a fonte. Como diretora de conteúdo, Anna supervisiona as publicações da empresa em nível mundial, entre elas Wired, Vanity Fair, GQ, Condé Nast Traveler, Glamour e Allure, com exceção da New Yorker.

A jornalista é conhecida por renovar a Vogue, um guia imprescindível do

mundo da moda, para a qual foi contratada em 1988, para substituir Grace Mirabella como redatora-chefe.

Em declarações ao The New York Times, Anna considerou sua decisão "crucial". "Concentrarei toda a minha atenção na liderança global e em trabalhar com nossa equipe de editores brilhantes em todo o mundo."

A jornalista permeia a cultura popular com apelidos como "Nuclear Wintour", e por ter tornado a cerimônia de gala anual do Museu Metropolitano de Nova York a festa de celebridades mais importante do planeta.

Reconhecida por seu corte de cabelo tradicional e por seus óculos de sol da

marca Chanel, que usa mesmo em ocasiões com pouca luz, Anna inspirou o filme de 2006 "O Diabo Veste Prada", no qual Meryl Streep interpreta a editora de uma revista.

A Condé Nast iniciou há quatro anos uma mudança em sua estrutura editorial e reuniu pela primeira vez as equipes editoriais de todo o mundo, que contam com um diretor de conteúdo editorial, que responde a um diretor editorial global.

O novo posto que será criado na US Vogue se unirá aos diretores de conteúdo editorial de Japão, China, Índia, Taiwan, Reino Unido, França, Espanha, Alemanha, Itália e Oriente Médio, informou a empresa.

Economia

UE se esforça para acalmar Trump na frente comercial, após aumentos na Defesa

Reunidos em uma cúpula em Bruxelas, os países da UE buscam uma fórmula para chegar a um acordo comercial com os Estados Unidos nesta quinta-feira(26), um dia após satisfazerem o presidente Donald Trump adotando uma meta histórica de aumento dos gastos militares. O presidente francês, Emmanuel Macron, já havia levantado a questão na quarta-feira, em Haia, horas após europeus e Canadá adotarem o aumento nos gastos militares exigido por Trump.

26/06/2025, 20:57



Reunidos em uma cúpula em Bruxelas, os países da UE buscam uma fórmula para chegar a um acordo comercial com os Estados Unidos nesta quinta-feira(26), um dia após satisfazerem o presidente Donald Trump adotando uma meta histórica de aumento dos gastos militares.

O governo americano aplica atualmente uma tarifa de 25% sobre o aço e os automóveis da UE e 10% sobre a maioria dos outros produtos.

Mas o prazo determinado por Trump, 9 de julho, se aproxima. Se não houver acordo, o republicano ameaça dobrar para 20% a tarifa generalizada aos 27 membros.

A questão será abordada nesta quinta-feira na capital belga, em um encontro entre chefes de Estado e de governo da UE.

Ursula von der Leyen, presidente da Comissão

Europeia e responsável pelas negociações em nome dos 27, aproveitará para identificar os limites entre as duas partes.

O chanceler alemão, Friedrich Merz, pediu celeridade. "Apoio a Comissão em todos os seus esforços para chegar rapidamente a um acordo comercial", disse ao chegar à capital belga.

Um dos riscos assumidos em Bruxelas é chegar a um acordo no qual a UE aceite algumas tarifas, sem agir reciprocamente, impondo outras sobre os mesmos produtos americanos.

Eliminar as tarifas parece fora de alcance. Várias fontes diplomáticas indicam que o objetivo, como na cúpula da Otan em Haia, é permitir que Trump reivindique a vitória, sem ceder em setores-chave.

Uma dessas fontes indicou a possibilidade de

um acordo no qual os Estados Unidos imporiam uma tarifa geral às importações europeias, com isenções para aço, automóveis, medicamentos e o setor aeronáutico.

- Manter a calma -

O presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, criticou uma guerra tarifária que consiste em tarifas "injustas" e unilaterais. E minimizou a ameaça de Trump de punir a Espanha por não se comprometer a aumentar seus gastos com defesa para 5% do PIB na cúpula da Otan em Haia.

O presidente francês, Emmanuel Macron, já havia levantado a questão na quarta-feira, em Haia, horas após europeus e Canadá adotarem o aumento nos gastos militares exigido por Trump. "Não podemos dizer, entre aliados, que precisamos gastar mais (...), e travar uma guerra

comercial dentro da Otan é uma aberração", disse.

As negociações com Washington aceleraram nas últimas semanas.

A UE havia ameaçado, no início de maio, impor até US\$ 107 bilhões (R\$ 593 bilhões) em tarifas sobre produtos americanos, principalmente aeronaves e automóveis, caso as negociações fracassassem. Desde então, minimizou essa ameaça.

Os Estados Unidos aproveitam esta oportunidade para obter concessões nas regulamentações europeias sobre plataformas digitais, que resultaram em multas bilionárias a Apple e Meta e em uma investigação ao Google por supostas violações das regras de concorrência.

Arte e Cultura

Denis Villeneuve dirigirá próximo filme de James Bond

Denis Villeneuve dirigirá o próximo filme de James Bond, a cargo da Amazon MGM, anunciou o estúdio nesta quarta-feira (25). A Amazon pagou quase 8,45 bilhões de dólares (R\$ 46,8 bilhões, na cotação atual) para comprar em 2022 o lendário estúdio de Hollywood MGM, que incluía o catálogo dos filmes antigos de James Bond.

26/06/2025, 03:02



Denis Villeneuve dirigirá o próximo filme de James Bond, a cargo da Amazon MGM, anunciou o estúdio nesta quarta-feira (25).

O diretor franco-canadense, responsável pela saga "Duna", disse em comunicado da Amazon que o projeto é "uma grande responsabilidade", mas também "uma grande honra".

"Sou um fã incondicional de Bond. Para mim, é um personagem sagrado", acrescentou Villeneuve.

"Cresci assistindo a filmes de James Bond com meu pai [...] Tenho a intenção de honrar a

tradição e abrir caminho para muitas novas missões que estão por vir", acrescentou.

"É uma honra para nós que Denis tenha aceitado dirigir o próximo capítulo de James Bond. É um mestre do cinema cuja filmografia fala por si só", disse Mike Hopkins, responsável da Amazon MGM Studios e da Amazon Prime.

A gigante, que está responsável pela saga do espião mais famoso do mundo, também anunciou que Tanya Lapointe será a produtora-executiva, enquanto Amy Pascal e David Heyman serão

produtores do aguardado longa-metragem.

O que continua sendo um mistério é quem ficará a cargo do papel de James Bond, que foi interpretado por Daniel Craig até 2021, quando se despediu do personagem após a estreia de "007 - Sem Tempo para Morrer".

A saga mudou de dono depois deste filme. A Amazon pagou quase 8,45 bilhões de dólares (R\$ 46,8 bilhões, na cotação atual) para comprar em 2022 o lendário estúdio de Hollywood MGM, que incluía o catálogo dos filmes antigos de James Bond.

Mas, durante três anos, a gigante da distribuição se deparou com a resistência de Barbara Broccoli e Michael Wilson, os produtores históricos da saga, que mantinham seus direitos sobre os filmes.

A Amazon finalmente chegou a um acordo financeiro com eles em fevereiro para assumir o controle criativo da franquia.

O acordo, cujo valor não foi revelado, permitirá à companhia de Jeff Bezos pilotar as próximas aventuras de Bond.

Economia

As missões de John Textor para evitar na última hora o rebaixamento do Lyon

Venda das ações do Crystal Palace, empréstimo de jogadores e aporte de liquidez: o proprietário do Lyon, o americano John Textor, também dono do Botafogo, terá que apresentar garantias financeiras mais sólidas no processo de apelação para evitar na última hora o rebaixamento do clube francês para a segunda divisão. Na última segunda-feira, o Crystal Palace, também sob o guarda-chuva, anunciou que Textor vendeu 43% das ações do clube londrino para o empresário americano Woody Johnson por US\$ 225 milhões (R\$ 1,2 bilhão).

25/06/2025, 17:33



Venda das ações do Crystal Palace, empréstimo de jogadores e aporte de liquidez: o proprietário do Lyon, o americano John Textor, também dono do Botafogo, terá que apresentar garantias financeiras mais sólidas no processo de apelação para evitar na última hora o rebaixamento do clube francês para a segunda divisão.

A Direção Nacional de Controle e Gestão (DNCG), autoridade financeira dos clubes da França, decidiu na terça-feira rebaixar o histórico Lyon, sete vezes campeão da França (de 2002 a 2008), por onde passaram jogadores como Karim Benzema e os brasileiros Juninho Pernambucano e Fred, entre outros.

O clube, um dos grandes do futebol francês, pertence desde o final de 2022 a Textor através do Eagle Football Holdings (EFH), empresa que também controla o Botafogo.

O EFH anunciou também na terça-feira que vai recorrer da decisão "irresponsável" da DNCG, mas para vencer o processo e manter o Lyon na elite do futebol francês, terá que apresentar contas que convençam as autoridades.

O clube lembrou que, desde janeiro, recebeu do EFH 83 milhões de euros (R\$ 534 milhões na cotação atual) que permitiram um adiamento das dívidas.

- Redução da folha salarial -

Para reduzir a folha salarial, 100 funcionários do Lyon aderiram a um plano de demissões voluntárias.

O clube também vai reduzir a folha salarial do elenco profissional em cerca de 30 milhões de euros (R\$ 193 milhões) rescindindo os maiores contratos e não renovando com Alexandre Lacazette, Nicolás Tagliafico e Anthony Lopes, além das vendas de Rayan Cherki (42,5 milhões de euros/R\$ 273,6 milhões para o Manchester City, da

Inglaterra) e Maxence Caqueret (15 milhões de euros/R\$ 96,5 milhões para o Como, da Itália).

Todas estas medidas foram consideradas insuficientes pela DNCG e o clube tem agora duas semanas para se adequar e cumprir as exigências das autoridades.

O centro do problema seria a divisão dos valores nas contas, principalmente dos procedentes do EFH.

Por exemplo, a DNCG tem na mira o empréstimo gratuito em janeiro do argentino Thiago Almada do Botafogo para o Lyon, apesar de o clube francês ter sido proibido de fazer contratações e ter que reduzir sua folha salarial.

Na última segunda-feira, o Crystal Palace, também sob o guarda-chuva, anunciou que Textor vendeu 43% das ações do clube londrino para o empresário americano Woody Johnson por US\$ 225 milhões (R\$ 1,2 bilhão).

O EFH teria destinado apenas 40 milhões de euros (R\$ 257 milhões) desse valor ao Lyon, enquanto a DNCG esperava o dobro.

O órgão também estuda o lucro que o Lyon pode obter com os direitos de três jogadores com passagem pelo Botafogo: Igor Jesus, Thiago Almada e Luiz Henrique.

- Torcedores insatisfeitos com Textor -

Luiz Henrique já foi vendido para o Zenit de São Petersburgo por 33 milhões de euros (R\$ 212,5 milhões) e Igor Jesus está negociado com o Nottingham Forest da Inglaterra por cerca de 20 milhões de euros (128,7 milhões).

A difícil situação econômica do Lyon, também na mira da Uefa e da Fifa, fragilizou a posição de John Textor, que nesta quarta-feira foi alvo de protestos de torcedores do clube francês, que colocaram faixas pela cidade com frases como "Fora Textor" e "Guerra a Textor".

As missões de John Textor para evitar na última hora o rebaixamento do Lyon

Todo este processo terá consequências esportivas. O Campeonato Francês começará no fim de semana do dia 15 de agosto, uma semana depois da Ligue 2 (segunda divisão), e o clube

ainda não sabe em qual categoria vai jogar, nem com quais jogadores. A conformação do rebaixamento pode significar até o desaparecimento do Lyon, já que orçamento de

250 milhões de euros (R\$ 1,6 bilhão) é um valor exagerada para a Ligue 2. Esta opção, no entanto, parece remota, considerando que geraria enormes prejuízos para os

proprietários americanos, depois de já terem investido dezenas de milhões no projeto.

Economia

França diz que Comissão Europeia quer 'impor' acordo entre Mercosul e UE

A ministra francesa da Agricultura elevou o tom nesta quarta-feira (25) contra a Comissão Europeia, que ela acusa de querer "impor" o acordo entre a UE e os países sul-americanos do Mercosul, mas há incertezas sobre a capacidade da França de bloquear esse acordo comercial. A minoria de bloqueio - pelo menos quatro Estados-membros do Conselho, representando mais de 35% da população da União Europeia - não parece garantida para a ministra, que afirma, há semanas, estar perto disso, embora "não tenha certeza de nada", e multiplicou deslocamentos para bloquear a adoção do tratado comercial entre a União Europeia e os países do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai).

25/06/2025, 15:53



A ministra francesa da Agricultura elevou o tom nesta quarta-feira (25) contra a Comissão Europeia, que ela acusa de querer "impor" o acordo entre a UE e os países sul-americanos do Mercosul, mas há incertezas sobre a capacidade da França de bloquear esse acordo comercial.

"As preocupações são intensas porque a Comissão quer impor sua vontade. Isso é muito grave. Os Estados não foram realmente envolvidos na negociação. Os agricultores, ainda menos", indignou-se Annie Genevard ao lado de seu homólogo polonês, Czesław Siekierski, que compartilha suas preocupações.

"Estamos sendo apoiados em nossa luta por Hungria, Áustria, Irlanda, Países Baixos, Romênia, Itália, que expressaram suas grandes preocupações. É necessário que a Comissão tenha maioria qualificada para poder aprovar esse texto. Isso não está garantido", acrescentou ela,

também mencionando o compromisso da Bélgica.

Esses países emitiram reservas, mas nem todos indicaram claramente se se absteriam ou votariam contra.

A minoria de bloqueio - pelo menos quatro Estados-membros do Conselho, representando mais de 35% da população da União Europeia - não parece garantida para a ministra, que afirma, há semanas, estar perto disso, embora "não tenha certeza de nada", e multiplicou deslocamentos para bloquear a adoção do tratado comercial entre a União Europeia e os países do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai).

"Poderíamos fazer uma declaração conjunta (com o ministro italiano) nesta sexta-feira em Roma. A Itália tem as mesmas reservas que nós", afirmou ela nesta quarta-feira, embora o país, peso pesado na votação, não tenha indicado claramente sua decisão.

Um responsável europeu afirmou na terça-feira que "a proposta para uma assinatura e conclusão seria adotada pela Comissão antes do final do mês" de junho.

"Alguns falam do dia 30 de junho, não sabemos. Mas, de qualquer forma, se a Comissão se aventurasse a passar rapidamente e impor, ela nos encontrará (...) em seu caminho", ameaçou Annie Genevard, acrescentando que isso poderia "levar os agricultores de volta às ruas".

"Que sentido teria uma decisão tomada pela Comissão enquanto uma maioria não seria favorável a ela", disse ela ainda.

- PAC também "ameaçada" -

O texto prevê a possibilidade de a UE exportar, em particular, mais carros, máquinas ou bebidas destiladas. Em contrapartida, facilitaria a entrada de carne, açúcar, arroz, mel e soja sul-americanos.

O comissário europeu da Agricultura, Christophe Hansen, declarou na terça-feira que as garantias para proteger os agricultores de concorrência desleal eram suficientes e rejeitou a ideia de um "protocolo adicional" mencionada pelo presidente Emmanuel Macron durante a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que pressionava por uma rápida adoção.

Nesta quarta-feira, Annie Genevard declarou que seria de responsabilidade do presidente explicar em que consistiria um tal protocolo adicional.

Ela afirmou ter proposto na terça-feira aos 27 ministros da Agricultura, dos quais quinze eram favoráveis, uma medida prevendo uma "cláusula automática" para "todos os tratados de livre comércio" referente aos "limites máximos de resíduos" de pesticidas em produtos importados.

França diz que Comissão Europeia quer 'impor' acordo entre Mercosul e UE

Assim, "nenhum produto tratado" com um pesticida proibido na Europa poderia "passar as fronteiras do mercado europeu", acrescentou ela sem mais detalhes. Questionada sobre os prazos ou o instrumento legislativo que permitiria

introduzir essa cláusula, a ministra não respondeu. A crítica de Annie Genevard também se voltou para os "projetos da Comissão sobre a política agrícola comum", enquanto as negociações sobre a próxima PAC estão apenas começando.

Questionado se esses projetos foram oficialmente comunicados pela Comissão, o ministério não respondeu. "A PAC está ameaçada em seu orçamento e em seu caráter comum (...)", alertou a ministra. As hipóteses de uma fusão dos fundos da

PAC com fundos direcionados a outros setores e sua renacionalização, mencionadas em Bruxelas há meses sem comunicação oficial da Comissão até agora, "são verdadeiramente um perigo", segundo Genevard.

Arte e Cultura

Glastonbury abre as portas em ano marcado por controvérsia envolvendo grupo de rap

O lendário festival de música de Glastonbury, na Inglaterra, começa nesta quarta-feira (25) em uma edição que reúne artistas como Rod Stewart, Olivia Rodrigo, Charli XCX, entre outros, e marcada pela polêmica presença dos rappers norte-irlandeses Kneecap. Os headliners subirão ao palco a partir de sexta-feira, com ídolos pop das gerações mais jovens, como Olivia Rodrigo e Charli XCX, mas também veteranos como Neil Young e Rod Stewart, que anunciou que será acompanhado por Ronnie Wood, com o qual integrou a banda Faces e membro dos Rolling Stones há várias décadas.

25/06/2025, 12:51



O lendário festival de música de Glastonbury, na Inglaterra, começa nesta quarta-feira (25) em uma edição que reúne artistas como Rod Stewart, Olivia Rodrigo, Charli XCX, entre outros, e marcada pela polêmica presença dos rappers norte-irlandeses Kneecap.

Uma multidão entusiasmada, equipada com mochilas e barracas, invadiu a Worthy Farm, a fazenda em Somerset (sudoeste da Inglaterra) onde o evento está sendo realizado até a noite de domingo.

Os headliners subirão ao palco a partir de sexta-feira, com ídolos pop das

gerações mais jovens, como Olivia Rodrigo e Charli XCX, mas também veteranos como Neil Young e Rod Stewart, que anunciou que será acompanhado por Ronnie Wood, com o qual integrou a banda Faces e membro dos Rolling Stones há várias décadas.

Alanis Morissette, The Prodigy, Snow Patrol, Burning Spear e Raye também estão entre os grandes nomes desta edição.

Mas os holofotes da imprensa estão voltados para o Kneecap, um trio de rappers de Belfast que se apresentará no sábado.

Um dos membros do grupo enfrenta processos

judiciais após ter sido acusado de exibir uma bandeira do Hezbollah, movimento islamista classificado como organização terrorista pelo Reino Unido, durante um show.

Sua presença gerou críticas da classe política, incluindo a do primeiro-ministro trabalhista Keir Starmer, que afirmou que a presença do grupo no evento é "inapropriada".

A líder da oposição conservadora, Kemi Badenoch, pediu à BBC, parceira do festival desde 1997, que não transmita o show dos rappers.

Os ingressos para o festival se esgotaram em 35

minutos quando foram colocados à venda em novembro, com um preço padrão de £373,50 (R\$ 2.800, na cotação atual).

O evento, que atraiu mais de 210.000 pessoas em 2024, nasceu da contracultura britânica da década de 1960 e dos movimentos hippies, com sua primeira edição em 1970, sob o nome de Pilton Festival.

A banda de glam rock T. Rex foi a primeira atração principal. Desde então, grandes nomes já passaram por seus palcos, de David Bowie e Paul McCartney a Stormzy e Elton John, que fez seu último show no Reino Unido em 2023.

Juiz dos EUA respalda treino de IA com livros protegidos por direitos autorais

Um juiz dos Estados Unidos negou que a empresa Anthropic tenha violado a lei de direitos autorais ao treinar seu robô de inteligência artificial (IA) com livros sem a permissão dos seus autores, o que cria um precedente legal em um tema crucial para essa indústria. O juiz negou, no entanto, que a prática da Anthropic de baixar milhões de livros pirateados para criar uma biblioteca digital permanente seja "um uso legítimo" segundo a lei americana de direitos autorais.

24/06/2025, 21:18



Um juiz dos Estados Unidos negou que a empresa Anthropic tenha violado a lei de direitos autorais ao treinar seu robô de inteligência artificial (IA) com livros sem a permissão dos seus autores, o que cria um precedente legal em um tema crucial para essa indústria.

O juiz federal de San Francisco William Asup determinou ontem que essa prática é permitida pela doutrina de "uso legítimo" da lei americana de direitos autorais.

A decisão decorre de uma ação coletiva movida pelos autores Andrea Bartz, Charles Graeber e Kirk Wallace Johnson, que

acusaram a Anthropic de copiar ilegalmente seus livros para treinar o chatbot de IA da empresa (Claude), concorrente do ChatGPT.

"O uso dos livros em questão para treinar o Claude e seus precursores foi altamente transformador e constituiu um uso legítimo", afirma Alsup em sua decisão de 32 páginas, na qual ele comparou o treinamento da IA à forma como os humanos aprendem lendo livros.

Músicos, escritores, artistas visuais e veículos de comunicação processaram empresas de IA que usaram seu conteúdo sem autorização ou pagamento. As empresas argumentam

que treinar a IA com grandes conjuntos de dados transforma o conteúdo original e é necessário para a inovação.

A Anthropic comemorou a decisão do juiz. "É coerente com o propósito do direito autoral de fomentar a criatividade e o progresso científico", disse à AFP um porta-voz da empresa.

O juiz negou, no entanto, que a prática da Anthropic de baixar milhões de livros pirateados para criar uma biblioteca digital permanente seja "um uso legítimo" segundo a lei americana de direitos autorais.

Além de baixar livros de sites que ofereciam obras piratas, a Anthropic comprou

livros protegidos por direitos autorais e os armazenou no formato digital, segundo documentos da Justiça.

Embora treinar modelos de IA com o conteúdo pirata não tenha constituído uma infração legal, baixar cópias pirata para criar uma biblioteca violou os direitos autorais, independentemente do seu uso para o treinamento, destaca a decisão.

O caso seguirá para julgamento por perdas e danos relacionado com as cópias pirata da biblioteca. A Anthropic discordou dessa decisão e avalia suas opções legais.

Economia

Presidente do Fed reitera que não há pressa para baixar juros nos EUA

O presidente do Federal Reserve (Fed), Jerome Powell, disse ao Congresso, nesta terça-feira (24), que o banco central americano pode esperar para baixar suas taxas de juros de referência, apesar das opiniões divergentes de outros membros da instituição e da forte pressão do presidente dos EUA, Donald Trump. Este ano, o Fed manteve inalteradas suas taxas de referência depois de sua última redução em dezembro, que situou os juros na faixa entre 4,25% a 4,50%.

24/06/2025, 20:26



O presidente do Federal Reserve (Fed), Jerome Powell, disse ao Congresso, nesta terça-feira (24), que o banco central americano pode esperar para baixar suas taxas de juros de referência, apesar das opiniões divergentes de outros membros da instituição e da forte pressão do presidente dos EUA, Donald Trump.

"Por enquanto, estamos bem posicionados para esperar conhecer mais a provável evolução da economia antes de considerar qualquer ajuste na nossa política" monetária, destacou.

O Fed tem o dever de evitar que um aumento pontual nos preços se torne um "problema contínuo de inflação", assinalou Powell ao Comitê de Serviços Financeiros da Câmara de Representantes.

As afirmações de Powell se seguem às declarações de dois governadores do banco central, que recentemente se mostraram abertos a cortes nos juros a partir de julho.

Powell se negou a comentar as declarações de seus colegas, mas disse que outros encarregados da política monetária poderiam se sentir inclinados a baixar os juros antes se a inflação fosse mais fraca do que o esperado ou se o mercado de trabalho se deteriorasse.

Juros baixos barateiam o crédito e fomentam o consumo e o investimento.

Este ano, o Fed manteve inalteradas suas taxas de referência depois de sua última redução em dezembro, que situou os juros na faixa entre 4,25% a 4,50%.

Powell espera entender melhor como as tarifas

alfandegárias impostas por Trump a seus parceiros comerciais vão impactar a economia.

- Trump volta a pedir redução dos juros -

Horas antes do testemunho de Powell no Congresso, Trump voltou a pedir a redução dos juros, dizendo que deveriam ser "pelo menos dois ou três pontos mais baixos", visto que a inflação se mantém moderada.

"Espero que o Congresso realmente pressione esta pessoa muito estúpida e cabeça dura", escreveu Trump em sua plataforma, Truth Social.

Na terça-feira, Powell afirmou que ainda não está claro como as preocupações sobre as políticas comerciais dos Estados Unidos, que aumentaram as tarifas alfandegárias desde que Trump voltou ao poder,

poderão afetar os gastos e os investimentos.

"Os aumentos nas taxas deste ano provavelmente elevarão os preços e afetarão a atividade econômica", disse Powell. "Apesar da incerteza elevada, a economia está em uma posição sólida", acrescentou.

Os economistas alertam que as tarifas poderiam fomentar a inflação e erodir o crescimento econômico, embora os efeitos generalizados tenham sido moderados até agora.

Isto se deve em parte a que Trump adiou suas tarifas mais duras.

Powell assinalou que uma "maioria significativa" do comitê de política monetária do Fed ainda considera que será apropriado baixar os juros este ano.